

O bem-estar animal, segundo o Slow Food Documento de posição oficial

Setembro de 2013



Escrito por:

Anne Marie Matarrese, *PhD Candidate at the University of Leicester – Centre for Animals and Social Justice* www.casj.org.uk

Com a colaboração e a assessoria de

Cristina Agrillo, Daniela Battaglia, Elisa Bianco, Maurizio Busca, Silvia Ceriani, Rupert Ebner, Jacopo Ghione, Simone Gie, Silvio Greco, Serena Milano, Annamaria Pisapia, Raffaella Ponzio, Paola Roveglia, Piero Sardo, Martina Tarantola.

Capa

Fortaleza da raça bovina maremmana - Foto Manfredo Pinzauti

O Documento de Posição Oficial pode ser baixado do link:

www.slowfood.it/resistenzacasearia/ita/20/benessere-animale

Para maiores informações

animalwelfare@slowfood.it

Esta publicação é de responsabilidade exclusiva de seu autor. A União Europeia não é responsável pelo uso que possa ser feito das informações nela contidas.

O BEM-ESTAR ANIMAL, SEGUNDO O SLOW FOOD

Todo ano, o bem-estar de milhões de animais criados para a produção de leite, carne e ovos para consumo humano, é gravemente comprometido. A pecuária industrial ameaça a sustentabilidade ambiental, a saúde humana e a sobrevivência econômica dos pequenos agricultores e das comunidades rurais. O aumento constante de produtos de origem animal exige que se enfrentem estas questões, para defender a saúde humana, promover uma maior sustentabilidade ambiental e permitir que pequenos agricultores continuem trabalhando, respeitando o bem-estar animal.



Raça podóllica calabresa, Itália

Bem-estar animal e pequenos agricultores

Segundo dados da FAO, cerca um bilhão de seres humanos dependem da criação animal como fonte de renda e alimentação, e também como afirmação da própria identidade cultural e status social. Calcula-se que 60% das famílias que vivem em áreas rurais praticam alguma forma de criação¹. O bem-estar animal é uma condição fundamental para estas comunidades, pois a segurança alimentar está ligada à saúde e à produtividade dos animais que, por sua vez, dependem dos cuidados e da alimentação que recebem. Os animais que vivem em condições ideais são mais saudáveis e menos estressados, adoecem menos e exigem menor quantidade de medicamentos. Se por um lado, a curto prazo, os investimentos estruturais para melhorar a produção podem ser muito caros; os custos são compensados graças ao melhoramento da qualidade do produto e à maior produção.

O sistema alimentar atual representa uma grave ameaça para a sobrevivência dos pequenos criadores, que não conseguem competir com os grandes produtores e com os preços baixos da produção industrial de carne. Além disso, a falta de um sistema adequado de rotulagem não permite aos consumidores escolhas conscientes, tornando mais difícil um "reconhecimento" dos agricultores que utilizam técnicas que respeitam o bem-estar animal. Conhecer a história da carne que comemos é muito importante não apenas do ponto de vista gastronômico, mas é também um dever de todo consumidor responsável, pois se trata de uma escolha que determina a sobrevivência dos pequenos agricultores e as condições em que os animais são criados.

Carne de baixa qualidade por preços muito elevados

Durante os últimos cinquenta anos, a agricultura sofreu uma crescente industrialização e um aumento progressivo do consumo de carne². Esta aceleração da produção industrial e a mudança do consumo alimentar, foram altamente prejudiciais ao meio ambiente. Segundo a FAO, 280 milhões de toneladas de carne são produzidas por ano. Cada cidadão americano consome anualmente cerca de 125 kg de carne, enquanto a média europeia é de 74 kg. A demanda de carne cresce no mundo inteiro; nas últimas décadas, mesmo em países em desenvolvimento e em economias emergentes, devido ao aumento da riqueza per capita e ao desenvolvimento da classe média. Os dados relativos ao consumo de carne na China são muito significativos, pois o consumo passou de 20 kg per capita, em 1980, a 52 kg³ em 2006.

As consequências destes modelos de consumo são devastadoras: calcula-se que as emissões de CO₂ do ciclo de produção

1 FAO (2009) The State of Food and Agriculture <http://bit.ly/anwmnC>

2 World Livestock – Livestock in Food Security (2011) <http://bit.ly/vRIZBC>

3 FAO (2008) Food Outlook – Edição de novembro <http://bit.ly/1aH5PXb>

e distribuição mundial da carne estejam entre 18 e 51% das emissões globais⁴. As práticas de criação atualmente utilizadas contribuem de forma determinante para a degradação do solo, aumentando a desertificação, poluição, redução de recursos hídricos e perda de biodiversidade vegetal e animal. Comer menos carne seria um primeiro passo para enfrentar estes problemas, mas a escolha de produtos que respondem a elevados padrões de bem-estar animal também pode contribuir para uma maior sustentabilidade ambiental.



Vacas pastando em Ciminà (Rc), Itália

Um sistema insustentável

A produção intensiva de carne exige grandes áreas de terra para o pastoreio e a produção de ração animal: cerca de 3,5 bilhões de hectares de terra (representando 26% do total da superfície mundial)⁵ são destinados à produção animal. Cerca de 470 milhões de hectares são destinados à produção de ração, equivalente a um terço das terras cultiváveis. Grande parte das rações utilizadas na Europa é importada, com uma média de 40 milhões de toneladas de proteínas vegetais importadas da América do Sul, principalmente como soja e glúten de trigo⁷. A produção intensiva de ração animal tem um impacto ambiental devastador: calcula-se que a criação de gado é responsável de aproximadamente 80% do desmatamento na região amazônica⁸.

A Europa, além de ser o maior importador de ração animal do mundo, é um grande exportador de carne e produtos lácteos para os países em desenvolvimento, competindo com os produtores locais e ameaçando o desenvolvimento das economias locais e a sobrevivência das comunidades rurais.

A questão das rações envolve não só as criações que as utilizam, mas todos os países produtores de matérias-primas utilizadas nas rações. As monoculturas de milho e soja têm um forte impacto sobre o desenvolvimento das comunidades locais e o equilíbrio ecológico do planeta.

4 FAO (2006) Livestock's Long Shadow <http://bit.ly/CRCLd>

5 World Watch Institute (2009) Livestock and Climate Change – <http://bit.ly/2mKHdl>

6 FAO (2006) Livestock's Long Shadow – <http://bit.ly/CRCLd>

7 Ibidem

8 Friends of the Earth (2010) Less Soy, More Legumes – <http://bit.ly/1eWfvlr>

8 Greenpeace (2009) Slaughtering the Amazon – <http://bit.ly/f2IDmb>

Criação industrial e maus-tratos dos animais

Em 2007, o Tratado de Lisboa⁹, assinado pelos países da União Europeia, reconheceu oficialmente os animais como seres sensíveis, exigindo que Estados-membros adotassem políticas respeitando o bem-estar animal. O bem-estar animal foi, assim, comparado a outros princípios éticos, como igualdade de gêneros, proteção social, defesa da saúde humana, desenvolvimento sustentável e defesa dos consumidores. Mas apesar do grande avanço, o bem-estar dos animais de criação ainda é, muitas vezes, negligenciado.

No sistema atual, os animais pagam um preço muito alto: as criações industriais tratam os animais como se fossem meras máquinas ou mercadorias: são obrigados a ficar em jaulas de tamanho mínimo ou aprisionados em espaços estreitos, onde vivem uma vida curta e dolorosa. Antes do abate, sofrem diversas mutilações: corta-se a ponta do bico e o rabo, serra-se o chifre, para evitar que se machuquem ou firam os animais vizinhos, devido ao estresse da vida pouco natural à qual são confinados. Depois de ter passado toda a vida naquelas condições, são levados ao abatedouro. Uma viagem que muitas vezes exige horas de transporte, em condições de grande sofrimento. Afastados de seu ambiente natural e entregues a operadores que, muitas vezes, não são adequadamente capacitados, os animais sofrem estresse e tensão de todo tipo¹⁰. A vida nestas condições torna os animais mais vulneráveis a doenças: em muitas criações intensivas, os animais são rotineiramente injetados com vacinas e antibióticos, substâncias potencialmente prejudiciais para os consumidores. Somente nos Estados Unidos, 80% das vacinas produzidas é destinada às criações de gado¹¹. Os dados indicam que na Alemanha, 1700 toneladas de antibióticos por ano são destinadas ao uso veterinário, enquanto que cerca de 300 toneladas são destinadas ao homem¹².



Raça Salers, França

Conhecer a origem dos nossos alimentos

O bem-estar animal tem uma importância cada vez maior para os consumidores. Querem saber de onde vêm os alimentos que compram, ter certeza que são alimentos seguros e produzidos segundo padrões elevados. Os associados do Slow Food são mais atentos que a média, no que diz respeito a suas escolhas alimentares. Um inquérito entre os sócios europeus¹³ confirmou a sua consciência em relação ao consumo de carne e ao bem-estar animal. A maioria dos entrevistados (87%) afirmou estar disposta a modificar seus hábitos de compra para dar preferência a alimentos produzidos respeitando mais os animais, uma porcentagem mais alta do que os 62% do total de consumidores de outra pesquisa realizada pela Comissão Europeia¹⁴. Além disso, 90% dos sócios europeus do Slow Food que participaram da pesquisa indicou que estaria disposto a pagar um preço mais alto por produtos capazes de garantir um padrão elevado de bem-estar animal. A mesma porcentagem considera que as escolhas de compra podem ter um impacto positivo sobre o bem-estar animal. Para que os consumidores possam fazer escolhas conscientes, garantindo apoio aos agricultores que investem em bem-estar animal, é preciso criar sistemas adequados de rotulagem dos produtos animais.

9 Tratado de Lisboa: <http://bit.ly/Gzwfkn>

10 Para saber mais sobre os maus-tratos dos animais nas criações industriais, há dois ensaios publicados nos últimos anos: Singer P. e Mason J. (2007), Como Comemos; Foer J.S. (2010), Comer animais.

11 Centers for Disease Control and Prevention (2013) Threat Report 2013 – <http://1.usa.gov/1eH9sSL>

12 Bundesamt für Verbraucherschutz und Lebensmittelsicherheit (2013): Hintergrundinformation: Zahlen über die Antibiotikaabgabe 2011 in der Tiermedizin nach Regionen und Wirkstoffklassen <http://bit.ly/1fxeOPO>

13 Para consultar os dados da pesquisa realizada pelo Slow Food, ver: <http://bit.ly/1aH6UOD><http://bit.ly/1aH6UOD>

14 Comissão Europeia (2006) Atitudes dos Cidadãos Europeus em Relação ao Bem-Estar dos Animais – <http://bit.ly/nHctNf>

Onde estamos e para onde vamos?

Desde o início da década de 90 do século XX, a União Europeia sempre esteve à frente da inovação jurídica em matéria de bem-estar animal. Com o tempo, foram alcançados resultados significativos: a criação de aves em bateria foi proibida, bem como as jaulas de gestação para porcas (depois das primeiras semanas de gravidez) e o uso de amarras para porcas e bezerros. Mas ainda há muito o que fazer: o grande problema continua sendo a implementação efetiva das normas. A segunda Estratégia da União Europeia pela defesa e o bem-estar dos animais, esclarecendo a posição da UE em matéria de bem-estar animal até 2015, foi publicada em 2012. O documento reitera o compromisso da UE, mas não trata de alguns aspectos do problema, ainda não aprofundados na legislação em vigor:

- ▶ **Transporte dos animais:** a legislação vigente ainda permite o transporte de animais durante diversos dias seguidos. Os comitês para a defesa dos direitos animais insistem na introdução de um limite máximo de oito horas (um prazo que o Slow Food continua considerando muito elevado).
- ▶ **Vacas leiteiras:** não existe ainda uma lei sobre o bem-estar das vacas utilizadas na indústria leiteira.
- ▶ **Antibióticos:** é preciso criar uma estratégia para uma drástica redução do uso de antibióticos nas criações animais.
- ▶ **Clonação:** a proibição de comercializar carne de animais clonados e de suas crias ainda não está expressa de forma clara. A clonação de animais ou a criação de crias de animais clonados implica grande sofrimento para os animais.
- ▶ **Rotulagem:** ainda não existe um sistema de rotulagem clara para os produtos derivados da carne. Os consumidores sensíveis ao tema do bem-estar animal não têm como fazer escolhas conscientes.

O fechamento progressivo dos abatedouros locais é outro problema, pois obriga os criadores, incluindo os pequenos, a longas viagens, submetendo os animais a um grande estresse, antes e durante o abate, com o risco de prejudicar a qualidade da carne e a produtividade. É preciso um número maior de pequenos abatedouros em todo o território, assim como iniciativas e normas claras sobre o uso dos abatedouros móveis.

A implementação das normas europeias nos países da UE também merece atenção. A diretiva relativa à criação das galinhas poedeiras em bateria entrou em vigor em 2012, mas embora os produtores tenham tido 12 anos para cumprir os termos da legislação, muitos países europeus ainda não cumpriram as exigências, prolongando o sofrimento das galinhas criadas em gaiolas superlotadas.

O mesmo aconteceu em 2013, com a proibição das celas de gestação de porcas. Os Estados-membros devem garantir um monitoramento eficaz, com um controle que certifique o cumprimento das leis sobre o bem-estar animal e a implementação rigorosa das normas que podem contribuir para reduzir o sofrimento.

Na Estratégia 2012-2015, a União Europeia declarou a intenção de realizar estudos sobre o bem-estar dos peixes. Pesquisas recentes demonstram que os peixes são criaturas inteligentes, capazes de sentir dor, medo e estresse psicológico¹⁵. A exploração dos ecossistemas marinhos e as consequências devastadoras da aquicultura ameaçam o bem-estar dos peixes, penalizando as comunidades locais do mundo inteiro que vivem da pesca há gerações. Os peixes de viveiro vivem em tanques mínimos, onde a péssima qualidade da água e a superpopulação não permitem que os animais respirem de modo adequado ou que adotem seu comportamento natural, nadando livremente. É preciso lutar para garantir o bem-estar e a sustentabilidade nas criações de peixes.



Galinha branca de Saluzzo (Cn), Itália

¹⁵ Veja também Foer J.S. (2010) cit., que dedica uma grande parte de seu ensaio à descrição do sofrimento dos salmões de viveiro.

O Slow Food considera necessária uma maior coerência das políticas alimentares da União Europeia e deseja que as medidas da Política Agrícola Comum em matéria de bem-estar animal deem um apoio concreto aos agricultores. É preciso, sobretudo, introduzir medidas que permitam reconhecer o custo do bem-estar animal, apoiando os criadores que, voluntariamente, decidam melhorar os seus padrões além dos requisitos mínimos previstos por lei. O Slow Food se compromete a lutar pelo pleno reconhecimento do bem-estar animal como elemento fundamental da futura estratégia da União Europeia pela sustentabilidade do sistema alimentar.

A filosofia do Slow Food em matéria de bem-estar animal

Há muitos anos, o Slow Food vem lutando por uma abordagem holística do alimento e da agricultura: as boas práticas de bem-estar animal são um aspecto fundamental desta abordagem. Não somente por respeitarem os animais como seres sensíveis, mas por representarem um valor agregado para criadores, consumidores e meio ambiente.

Segundo uma pesquisa sobre consumo de carne e bem-estar animal realizada entre os associados do Slow Food na Europa, 89% dos entrevistados considera que o bem-estar animal não recebe atenção suficiente das políticas implementadas por seus países. Os associados pedem que o Slow Food se empenhe ativamente para conscientizar mais as autoridades públicas e para apoiar os produtores que trabalham para melhorar as condições dos seus animais.

Através dos seus projetos, o Slow Food pode ajudar que cada vez mais pessoas compreendam o vínculo entre bem-estar animal, saúde humana, sustento econômico das comunidades rurais e sustentabilidade ambiental. Graças a projetos como o das Fortalezas, o Slow Food pode ter um impacto concreto sobre o bem-estar animal, envolvendo os criadores e os produtores das comunidades do alimento do Terra Madre.

Os protocolos de produção animal das Fortalezas Slow Food já incluem normas sobre o bem-estar animal. Os protocolos estabelecem que as Fortalezas devem preservar as raças animais autóctones e as populações animais adaptadas ao ambiente em que atuam. Os criadores devem prestar atenção especialmente às camas e ao espaço destinado a cada animal, garantindo o acesso à pastagem sempre que possível, ou a espaços onde os animais possam movimentar-se livremente. A alimentação deve ser à base de forragem fresca, integrada, se preciso, com feno, grãos e leguminosas produzidas localmente, sempre que possível. As intervenções terapêuticas devem dar prioridade a tratamentos fitoterápicos e homeopáticos: antibióticos e medicamentos veterinários convencionais devem ser utilizados apenas para determinadas patologias ou se não houver outro medicamento eficaz.

O Slow Food condena práticas de confinamento de animais em espaços reduzidos; a criação de animais geneticamente modificados; o transporte de animais por longas distâncias; mutilações; o uso de antibióticos e o abate de animais sem atordoamento prévio. As rações animais não devem conter ureia, silagem de milho, alimentos ou produtos feitos, mesmo que parcialmente, com OGMs, aditivos e resíduos industriais.



Ovelha texel, Holanda

As ações do Slow Food

A pesquisa realizada em 2013 mostra que o bem-estar animal é um aspecto cada vez mais importante para os associados europeus do Slow Food: 93% dos entrevistados declarou ter interesse pelo tema e 84% manifestou vontade de saber mais. Uma das razões deste interesse é a crescente preocupação com o impacto da produção e do consumo de carne sobre o meio ambiente e a saúde humana (quase 80% dos entrevistados).

O bem-estar animal é um elemento fundamental da abordagem “boa, limpa e justa” do Slow Food à produção e ao consumo alimentar. As ações futuras do Slow Food neste âmbito serão norteadas por dois elementos fundamentais.

Em primeiro lugar, o Slow Food colaborará com os agricultores e criadores das Fortalezas Slow Food para melhorar as condições de criação dos animais, com atenção especial para os aspectos ligados às mutilações (especialmente o corte de chifres) e à alimentação forçada dos animais. A segunda área de atuação refere-se à promoção de iniciativas didáticas sobre o bem-estar animal e o consumo de carne para adultos e crianças.

Como parte de seu empenho pelo bem-estar animal, o Slow Food pretende:

- ▶ examinar, até 2020, os protocolos de produção animal das Fortalezas junto com seus produtores, para garantir que cumpram as boas práticas de bem-estar animal;
- ▶ promover atividades didáticas sobre o bem-estar dos animais de criação e o consumo de carne. Através de campanhas específicas, o Slow Food pretende conscientizar os consumidores sobre a importância de reduzir o consumo de carne e escolher produtos de criações extensivas, que dão atenção especial à qualidade da alimentação natural e ao comportamento natural dos animais;
- ▶ apoiar políticas que visam tornar os sistemas de rotulagem mais transparentes, descrevendo de forma mais detalhada o método de produção. O próprio Slow Food ofereceu um exemplo positivo com o projeto do rótulo narrativo, que oferece ao consumidor informações claras sobre a origem e a forma de produção da carne.

As Fortalezas Slow Food

O futuro da agricultura almejado pelo Slow Food baseia-se na agricultura de pequena escala. Os pequenos produtores deverão contar com assistência, informações e formação necessária para enfrentar todos os aspectos relativos ao bem-estar animal. Um bom exemplo são as Fortalezas Slow Food, onde criadores e especialistas trabalham juntos para melhorar o processo produtivo como um todo, aprimorando as práticas de criação. Os protocolos de produção são rigorosos, mas foram redigidos em colaboração com os próprios produtores.

Além da pesquisa com os associados, o Slow Food realizou uma pesquisa sobre as práticas de criação e o bem-estar animal entre os criadores das Fortalezas europeias. A pesquisa destacou a relação dos produtores com os animais e o seu desejo de oferecer alimentos de qualidade aos animais, respeitando hábitos e comportamentos naturais.

Cerca de 60% dos entrevistados permite que os animais tenham livre acesso à pastagem e, não sendo possível, permite que se movimentem livremente dentro dos estábulos. As crias ficam com a mãe por um período prolongado. O tempo de transporte dos animais da fazenda ao abatedouro é muito importante: na maioria dos casos, não é superior a uma hora de viagem.

Cerca de 97% dos produtores concordam que o bem-estar animal afeta a qualidade do produto final, e mais de 60% declarou estar disposto a seguir atividades de formação sobre o tema. Durante a pesquisa, os produtores pediram que o Slow Food conscientize as autoridades públicas sobre os problemas dos pequenos agricultores, além de mais apoio para a promoção de produtos que respeitem o bem-estar animal.

Educação sobre bem-estar animal e consumo de carne

Educar é um dos objetivos prioritários do Slow Food: informar adultos e crianças sobre a origem dos alimentos que comem, sobre a forma com que foram produzidos e sobre os sujeitos envolvidos significa educar sobre o prazer e sobre a responsabilidade das escolhas alimentares diárias. Para desenvolver uma abordagem mais saudável do consumo de carne e ajudar a criar um ambiente sustentável, é indispensável saber de onde vem a carne que comemos e como o animal foi criado.

Graças à força da rede e aos projetos realizados no mundo inteiro, o Slow Food pode influenciar os consumidores de todas as idades, envolvendo produtores, cozinheiros, revendedores, veterinários e especialistas. A educação deve começar na infância: incluindo o bem-estar animal nos programas de estudo e projetos já existentes, como as hortas escolares e comunitárias, o Slow Food pode dar às novas gerações as ferramentas necessárias para que façam escolhas mais saudáveis e sustentáveis no futuro.

A rotulagem dos produtos animais

A pesquisa do Slow Food sobre consumo de carne e bem-estar animal indicou que mais da metade dos entrevistados compra carne de fornecedores de confiança, como os açougueiros locais. Apenas 9%, contudo, acham que os atuais sistemas de rotulagem permitem identificar os produtos que respeitam o bem-estar animal. Ao escolher produtos de origem animal, o consumidor não tem como se orientar, prejudicando os produtores que respeitam o bem-estar animal e negando ao consumidor o direito de saber de onde vem e como é produzido o alimento.

Por isso, o Slow Food desenvolveu o projeto do rótulo narrativo, baseado na certeza de que a qualidade de um produto é, antes de tudo, uma narrativa que começa na origem do produto (a região onde é produzido), passando pela técnica de cultivo, de processamento, os métodos de conservação e, naturalmente, as características organolépticas e nutricionais. Apenas uma narrativa pode devolver ao produto o seu valor real. Por isso, o Slow Food desenvolveu um novo modelo de rotulagem dos produtos, incluindo as indicações previstas por lei. O rótulo narrativo (um contrarrótulo) oferece informações claras sobre produtores, empresas, variedades vegetais ou raças animais, técnicas de cultivo, criação ou processamento, bem-estar animal e regiões de origem.

Para julgar a qualidade de um produto, não são suficientes análises químicas ou físicas, e tampouco a degustação. A abordagem técnica não considera o que está por trás de um produto – a origem, a história, a técnica de processamento – e não oferece ao consumidor informações suficientes que lhe permitam saber se o alimento é produzido respeitando o meio ambiente e a justiça social. Mais do que nunca, esta abordagem vale também para os produtos de origem animal.



Cordeiro sambucano, Piemonte, Itália

w w w . s l o w f o o d . c o m



A presente publicação foi realizada com o apoio financeiro da União Europeia.
Esta publicação é de responsabilidade exclusiva do autor.
A União Europeia não é responsável pelo uso que possa ser feito das informações nela contidas.